

**TESSITURA DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS EDUCACIONAIS:
PROJETO MARCOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DA CIDADE
DE CAMPINAS/SP**

*TESSITURA OF MEMORIES AND EDUCATIONAL HISTORIES: THE
HISTORIC AND GEOGRAPHIC MARKS PROJECT OF THE CITY OF
CAMPINAS-SP*

Aida Rotava PAIM¹

Elison Antonio PAIM²

Maria de Fátima GUIMARÃES³

Maria Carolina Bovério GALZERANI⁴

Resumo: Neste artigo compartilhamos reflexões ancoradas em memórias e histórias relativas ao Projeto Marcos Históricos e Geográficos da cidade de Campinas, desenvolvido junto à Secretaria Municipal de Segurança Pública (Guarda Municipal), no transcorrer do ano de 2003 e início de 2004. Este projeto destinou-se, inicialmente, aos guardas municipais de Campinas, num segundo momento foi ampliado, passando a acolher crianças, parentes dos guardas, e num terceiro e último módulo direcionou-se às crianças de escolas públicas do Jardim São Marcos, bairro de Campinas. Walter Benjamin foi uma das inspirações metodológicas deste projeto. Isto porque em diferentes textos o filósofo berlinense alargou a concepção de capitalismo, ao acolher, também mais amplamente, a dimensão cultural, ou seja, as visões de mundo e as sensibilidades. Ainda, este projeto também acolheu as contribuições teóricas de Nora (1993) e Le Goff (1900), posto que estes autores nos estimularam a atentar para a existência de memórias e histórias plurais, de relações de poder

¹ Doutora em Educação pela FE-UNICAMP (2007). Coordenadora Pedagógica da Escola de Educação Básica Zélia Scharf, pertencente a rede pública de Santa Catarina no município de Chapecó.

² Doutor em Educação pela FE-UNICAMP (2005). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Bolsista produtividade pela Unochapecó.

³ Doutora em Educação pela FE-UNICAMP (2007). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco (USF). Pós-doutoranda e pesquisadora colaboradora do Centro de Memória - UNICAMP (CMU).

⁴ Doutora em História Social pelo Depto.de História/IFCH/ Unicamp (1998). Docente da FE/ Unicamp, Diretora do Centro de Memória - Unicamp (CMU). Professora do Programa de Pós-Graduação e da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pesquisadora e atualmente Diretora do Centro de Memória da Unicamp. Autora, responsável e coordenadora do Projeto Marcos Históricos e Geográficos da cidade de Campinas.

imbricadas em apagamentos, esquecimentos e silenciamentos produzidos por diferentes práticas socioculturais, assim como em E. P. Thompson quando permite entender que a cultura é uma arena de conflitos e P. Gay quando defende que a experiência é o encontro do passado com o presente.

Palavras-Chave: Memória. História. Guarda Municipal de Campinas.

Abstract: In this article we share information anchored in memories and histories of the Project Campinas' Historical and Geographical Landmarks, developed with the Public Security Municipal Department (Guarda Municipal), in 2003 and in the beginning of 2004. This project aimed at first, the Campinas' municipal guards, in a second moment children, related to the guards and in a third and last one, the children from Jardim São Marcos, Campinas neighborhood, public schools. Walter Benjamin was one of the methodological influences of this project. This because in many texts the philosopher from Berlim spread the capitalism concept by including the cultural dimension, what means the world's vision and the sensibility. Also, this project included the theoretic contributions of Nora (1993) e Le Goff (1900), as these authors stimulate us to realize the existence of plural memories and histories, of power relationships strictly attached to erases, forgetfulness and silentings produced by different socio-cultural practices, as in E. P. Thompson when he allows to understand that the culture is a conflict arena and P. Gay when he defends that the experience is the meeting of the past with the present.

Key words: Memories. History. Campinas City Guard.

INTRODUÇÃO

Neste artigo compartilhamos memórias e histórias relativas às nossas experiências de participação no Projeto Marcos Históricas e Geográficas da cidade de Campinas, desenvolvido junto à Secretaria Municipal de Segurança Pública (Guarda Municipal). Este projeto destinou-se, inicialmente, aos guardas municipais de Campinas, num segundo momento foi ampliado, passando a acolher crianças, parentes dos guardas, e num terceiro e último módulo direcionou-se às crianças de escolas públicas do Jardim São Marcos.

Com intuito de facilitar a compreensão de nosso artigo, inicialmente, tecemos algumas considerações acerca das premissas que orientaram nossas reflexões sobre a questão da cidade. No segundo movimento, pontuamos com mais vagar os referenciais teóricos que subsidiaram nossa participação no Projeto Marcos Históricas e

Geográficos de Campinas. Já no terceiro, apresentamos a trajetória de nossos procedimentos, a par de algumas questões com as quais nos deparamos ao longo do projeto, com particular atenção ao momento em que trabalhamos com crianças de diferentes escolas da cidade de Campinas, parentes dos guardas municipais. A análise mais detida deste segundo módulo do projeto constitui a contribuição inédita deste artigo. Por fim, trazemos nossas considerações finais.

CIDADE E EXPERIÊNCIA NA MODERNIDADE CAPITALISTA

A cidade em sua materialidade traz as marcas da ação do homem na sua relação com o espaço, que, quando significado pelas experiências e memórias, torna-se um lugar, passível de historicidade. Para nós, tomar a cidade como um espaço e um lugar de memória (NORA, 1993), significa negar-lhe a condição de cenário e a transformação de suas histórias em espetáculos (DEBORD, 1997). Nessa direção, compartilhamos com Nora (1993, p. 91) que a memória “emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, [...] que há tantas memórias quantos grupos existirem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada”. Contudo, diferentemente de Nora, o qual visualiza a memória como algo que não mais existe e que necessita da história para materializar-se, expressar-se em lugares, concebemos a memória como materialização de uma pluralidade de imagens e de visões de mundo (SEIXAS, 2001).

Reafirmamos, ainda, que a memória é par semântico do esquecimento. É espontânea e seletiva (LE GOFF, 1990), mas mantém estreitas conexões com as relações de poder e interesses socioeconômicos. É preciso reafirmar que a memória é construção social – que emerge das relações dos seres entre si, destes com o meio ambiente e os objetos produzidos e significados culturalmente, ao longo da história.

Logo, a cidade é um espaço matizado por significados, lugar cujas histórias e memórias são marcadas pela provisoriedade e deslocamentos contínuos de sentidos, inerentes à modernidade capitalista (BENJAMIN, 1995). Acreditamos que as relações de poder intrínsecas à cidade se desvelam na trama de suas vias urbanas, nas formas, usos e significados de suas edificações, no fluxo e ritmo dos corpos, das mercadorias que nela transitam, nos odores e sons que a tomam. A cidade instaura uma educação política dos sentidos (GAY, 1988). No Projeto Marcos Históricos e Geográficos de Campinas, buscamos, dialogicamente, contemplar tais relações, para atentarmos para as práticas socioculturais eivadas de temporalidades plurais, que tiveram por contexto a trama urdida por entre tensões e conflitos, latentes ou manifestos, passíveis de serem rastreados através da emergência de novas sensibilidades e sociabilidades, que passaram a compor a experiência do viver na *urbis*. Sendo assim, procuramos flagrar

mudanças nas visões de mundo e nos comportamentos ocorridos, em um determinado período, tentando trazer à baila sensibilidades e sociabilidades que balizaram historicamente novos olhares sobre a cidade, tendo por mote a contemporaneidade.

Neste projeto consideramos que a modernidade contempla aspectos relativos à modernização das forças produtivas e dos valores estéticos, retomando as contribuições de Bermann, quando propõe que tal modernização “dificulta nossa apreensão de um dos fatos mais marcantes da vida moderna: a fusão de suas forças materiais e espirituais, a interdependência entre o indivíduo e o ambiente moderno” (BERMANN, 1986, p.129). Na modernidade, a razão, o conhecimento e a sensibilidade passaram ser atributos do homem civilizado. Mas, ressaltamos que tal sensibilidade pressupõe a definição de outra relação com a natureza (NAXARA, 2001): se de um lado ela está assentada no conhecimento científico, por outro ela é marcada por uma sensibilidade ancorada na valorização da emoção, do corpo e da alma.

Abordamos, historicamente, a configuração da malha urbana de Campinas, sobretudo, entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX, particularmente as décadas de 1920-1930. Estudamos a configuração espacial da cidade privilegiando a trama urbana original e seus desdobramentos no transcorrer do tempo. Tal recorte temporal ressaltou um período que convivia com a chegada da ferrovia, do telégrafo, do telefone e da energia elétrica, e que tais avanços técnicos propiciaram outra relação com o tempo e o espaço. Essa temática abriu brechas para retomarmos, com maior ênfase, às contribuições teórico-metodológicas do historiador E. P. Thompson (1987), em seu artigo “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”, a par do que problematizamos, com os participantes do projeto, aspectos relativos ao viver na cidade, com o intuito de rastrear momentos primordiais na constituição da modernidade capitalista nesta urbe, na relação com a contemporaneidade.

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: EDUCAÇÃO POLÍTICA DOS SENTIDOS

No projeto consideramos que a história se constrói a partir do presente. São as questões do nosso presente que nos estimulam a rastrear no passado as possíveis trajetórias daquilo que se transformou em nosso objeto de preocupação. Walter Benjamin (1986, 1987, 1989) foi uma das inspirações metodológicas mais significativas deste projeto. Isto porque em diferentes textos o filósofo berlinense alargou a concepção de capitalismo, ao acolher, também mais amplamente, a dimensão cultural, ou seja, as visões de mundo e as sensibilidades, em seu interior. Com isso ele nos permitiu compreender a “[...] cultura ao mesmo tempo como produto e produtora das

relações sociais, [permitindo] que focalizemos as sensibilidades não como naturais ou psicologicamente compreensíveis, mas enquanto construções historicamente dadas.” (GALZERANI, 2002, p.54), assim como o fez Thompson quando preconizou que:

[...] uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos que somente sob uma pressão imperiosa [...] assume a forma de um sistema. E, na verdade o próprio termo cultura, com sua invocação confortável de um consenso, podem distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto (THOMPSON, 1998, p. 17).

No transcorrer do projeto diferentes procedimentos também foram encetados à luz das contribuições teóricas de Nora (1993) e Le Goff (1900), posto que estes autores nos estimularam a atentar para a existência de memórias e histórias plurais, de relações de poder imbricadas em apagamentos, esquecimentos e silenciamentos produzidos por diferentes práticas sociais, bem como em Gay quando propôs que

[...] experiência é o encontro da mente com o mundo [...]. Frequentemente banal à primeira vista, a experiência acaba por mostrar-se, sobretudo quando seguimos suas raízes até os remotos domínios do inconsciente, recalcitrante, fugidia, taciturna [...] a experiência é também um encontro do passado com o presente (GAY, 1988, p. 19).

Consideramos também a relação com o pensamento de Walter Benjamin ao nos apresentar que a fonte das narrativas deve ser “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIM, 1994, p. 198).

Para Benjamin, o narrador faz uma história aberta, ele sabe que a complexidade do social é inesgotável, não é uma narração definitiva, é compartilhada. Propôs narrar sem distinguir entre grandes e pequenos acontecimentos. Quando fazemos a distinção ou hierarquização dos acontecimentos, estamos deixando de lado outros sujeitos que foram derrotados, cada momento é algo importante para algum sujeito. Aponta que, desde o final do século XIX, o narrador começou a desaparecer e com ele a história compartilhada, pois, os novos narradores: o historiador “neutro”, o romancista ou o jornalista passaram a narrar sem considerar os significados do narrado como experiências vividas.

Neste sentido, Gagnebim, em estreito diálogo com Benjamin, afirma que ele diagnostica alguns fatores que teriam feito com que a experiência se perdesse. Vejamos:

[...] o diagnóstico de Benjamin sobre a perda de experiência não se altera, embora sua apreciação varie. Idêntico diagnóstico: a arte de contar torna-se cada vez mais rara porque ela parte, fundamentalmente, da transmissão de uma experiência no sentido pleno, cujas condições de realização já não existem na sociedade capitalista moderna. Quais são essas condições? Benjamin distingue, entre elas, três principais: a) a experiência transmitida pelo relato deve ser comum ao narrador e ao ouvinte [...] b) Esse caráter de continuidade entre vida e palavra apóia-se ele próprio na organização pré-capitalista do trabalho em especial na atividade artesanal. [...] c) A comunidade de experiência funda a dimensão prática da narrativa tradicional (GAGNEBIM, 1994, p. 10).

Para tanto, enfatizamos que quando tratamos de histórias e memórias urbanas, o fazemos a partir de nosso presente. Não olhamos saudosamente para o passado, alinhando-nos ao pensamento de Weil (1996), para quem não existe oposição entre futuro e passado, porque o homem que reconhece que tem histórias e memórias coletivas sente-se enraizado, porque mantém estreitos vínculos com grupos que conservam heranças do passado. Estas heranças são transmitidas como bens materiais e imateriais, que formam o patrimônio cultural daqueles grupos. Propomos que esse enraizamento nos provoca como uma convocação do passado, do qual emergem elementos para a construção das nossas identidades, as quais têm suas origens na necessidade de pertencimento - o qual, por sua vez, decorre das articulações e vínculos que construímos com o lugar (espaço significado) no qual vivemos. Este sentir-se enraizado propicia que o homem tenha iniciativa e participação coletivas; tais ações decorrem de uma vontade singular, na qual ele se desvela aos demais por meio de atos da linguagem (ARENDR, 2000), colocando-se na condição de um ser político, capaz de tomar das ideias, tradições e realizações passadas, para reinventá-las em suas próprias práticas socioculturais (HOBSBAWN; RANGER, 1997). Em nossa perspectiva, aí reside uma das singularidades deste projeto, que exigiu de nós que atentássemos para diferentes alternativas e procedimentos que instaurassem uma relação dialógica com os diferentes sujeitos que dele participaram.

A partir de tais considerações, e porque uma cidade permite-nos infinitas aproximações, tomamos como uma das premissas do projeto que uma cidade acolhe uma diversidade infinita de práticas socioculturais, valores e crenças. E, que em uma cidade temos comunidades plurais que se articulam no espaço urbano, reinventando lugares e modos de viver, que reafirmam relações de poder e exclusão e, ao mesmo

tempo, muitas vezes, as subvertem e as transformam. Acreditamos que sem a percepção dessa pluralidade de histórias e memórias que uma cidade acolhe, é difícil para qualquer pessoa, na condição de cidadão, vivenciar o sentimento de pertença a uma comunidade, conceber a existência de laços identitários e um destino compartilhado e comum, entre si e as demais pessoas com as quais convive, nessa situação. Neste caso, sem a percepção dessa pluralidade de histórias e memórias é difícil vivenciar a alteridade e a política; ainda neste caso, o cidadão que não teve a sua história contemplada na versão que identificamos como oficial tenderá a experimentar a sensação de desenraizamento; tenderá a ter dificuldades para compreender a existência de um passado e de experiências vividas coletivamente, naquela cidade, para além daquelas cristalizadas pela versão oficial. Como Bosi, pensamos que

“o desenraizamento é uma condição desagregadora da memória: sua causa é o predomínio das relações de dinheiro sobre os outros vínculos sociais. [...] Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças” (BOSI, 1994, p. 443).

Consideramos, também, que vivenciamos uma educação política dos sentidos (GAY, 1988), que nos estimula a esquecer e a apagar as histórias e memórias plurais, o que tende a excluir de nosso horizonte a possibilidade de se reconhecer que quando nos reportamos à cultura material e imaterial, de uma dada época, abordamos um universo plural e ambivalente. Frente a esta constatação, perguntamo-nos: quem sabe, se ampliássemos a abrangência de nosso olhar, fosse possível perceber que promover a qualidade de vida em uma cidade pressupõe, também, atentar para a diversidade de suas histórias e memórias, para seus patrimônios culturais? E, como Meneses (2006), pensamos que, uma cidade precisa ser reconhecida, contemplada e esteticamente fruída por sua população. Foi com o olhar norteado por tais considerações que nos aproximamos da cidade de Campinas e de questões relativas às suas histórias e memórias no Projeto Marcos Históricos e Geográficos de Campinas.

A TRAJETÓRIA DO PROJETO

A trajetória de todo o projeto foi consolidada graças a:

[...] uma rica e diversa equipe docente, formada por cerca de 20 (vinte) membros, pós-graduandos da Faculdade de Educação, na primeira etapa, cerca de 25 (vinte e cinco) pessoas na segunda fase, e 40 (quarenta) professores na terceira (GALZERANI, 2010, p.603)

A pluralidade desse grupo provocou-nos no sentido de fomentar tanto o entrecruzamento de áreas distintas do conhecimento, quanto de experiências singulares, relativas à formação docente. Isto se considerando os diferentes níveis de atuação e titulação, o que estimulou, sobremaneira, o diálogo e a troca de saberes entre os membros, posto que todos, em diferentes momentos, tiveram a oportunidade de se colocar, por vezes, na situação da docência – situação que pressupôs uma relação dialógica, a qual estimulou o convívio e a constituição de práticas dos mais variados matizes, junto aos diferentes grupos que se formaram no transcorrer do projeto. Em 2003, o projeto acolheu 594 guardas municipais, que foram organizados em diferentes turmas, com o objetivo de viabilizarmos as atividades do Projeto. No primeiro semestre de 2004 trabalhamos com filhos ou familiares dos guardas municipais, num módulo intitulado “Guarda Mirim”, pela própria Guarda Municipal. E, no segundo semestre de 2004, o projeto teve seu público alvo ampliado, acolhendo, também, as crianças de 8 a 12 anos de escolas públicas do bairro periférico, Jardim São Marcos; nesse momento, este passou a ser denominado “Guarda Mirim Ambiental”. Destacamos que este módulo final não será objeto da presente análise.

Todos que participavam do Projeto foram estimulados a refletir e a propor estratégias educacionais destinadas à produção do conhecimento sobre a cidade e na cidade, coletivamente, a partir de sensibilidades singulares na conexão com as experiências socioculturais dos guardas municipais. Inicialmente, definimos um roteiro básico de trabalho, ancorado, sobretudo, em uma breve caracterização de Campinas na contemporaneidade, no qual foram pontuadas as potencialidades e contradições dessa cidade na modernidade capitalista. Na tentativa de provocar uma sensibilização relativa à cidade em sua complexidade e dinâmica de existência, optamos por partir do próprio cotidiano dos guardas municipais, tendo por mote o desejo de ampliar a percepção da crescente perda de nossa capacidade de compartilhar experiências vividas, através de narrativas (BENJAMIN, 1994) singulares. Apostávamos que se rompesse com tal situação, poderíamos ampliar as condições de diálogo e produção de conhecimentos coletivos, no projeto.

Desta forma, estrategicamente, nos sentimos mobilizados a abordar as contradições sobre os considerados marcos históricos da cidade de Campinas, em particular os produzidos no final do século XIX e início do século XX, porque nesta época tivemos a produção de um grande número de monumentos. Como objetos disparadores de memórias, selecionamos um conjunto de fotografias, além de algumas poesias, músicas, crônicas, contos e *charges*, relativas à Campinas, produzidos em diferentes momentos. Ao trabalhar, sobretudo, com as fotografias antigas da cidade, propusemos leituras plurais das imagens (KOSSOY, 1999; DUBOIS, 1993). Foi instigante a troca de percepções e informações. Foram apresentadas visões históricas sobre os lugares registrados nas fotografias e solicitado que os guardas compartilhassem conosco suas diferentes experiências, acerca destes lugares, o que suscitou leituras polissêmicas e polifônicas sobre tais imagens, que de alguma forma sensibilizaram e mobilizaram os guardas municipais. Um fato que nos mobilizou bastante foi que, no decorrer do projeto os guardas municipais e seus dirigentes se mostraram bastante animados com nossas propostas e ações, posto que eles solicitaram, após seu término, que o projeto tivesse continuidade. Além do que, eles sugeriram a ampliação do projeto, propondo que passássemos a acolher os seus filhos e familiares. E, nesse momento, definiu-se que o projeto voltar-se-ia, também, ao grupo denominado “Guarda Mirim”.

Para comemorar o aniversário do ex-prefeito de Campinas, que fora assassinado, a Prefeitura Municipal realizou, no mês de março de 2004, o Seminário Semana Antonio da Costa Santos, com diversas atividades abordando aspectos da historicidade da cidade de Campinas. Este seminário fomentou uma maior aproximação da Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo com o Grupo de Pesquisa Memória, História e Educação da FE/Unicamp, após a palestra realizada por mim- Maria Carolina- como coordenadora, naquele momento, deste grupo de pesquisa.

Promovemos, então, uma primeira reunião com a presença de integrantes do Grupo Memória, da citada Secretaria (incluindo membros do Museu da Cidade), bem como de alguns professores que atuavam na rede municipal de ensino de Campinas. Nesta reunião foram abordadas questões relativas à elaboração do módulo voltado à Guarda Mirim. As informações que tínhamos, até aquele momento, era que haveria um curso sobre cidadania para os filhos dos guardas e que iríamos integrá-lo como parte do projeto mais amplo “Marcos Históricos”. A previsão era que nossa participação teria início na quarta semana de abril, que trabalharíamos durante as segundas e quintas feiras, com diferentes grupos de manhã e de tarde, ao longo de três semanas consecutivas. Decidimos, então, coletivamente, organizar três estudos do meio e três

oficinas. As turmas seriam compostas por 30 alunos de escolas públicas e particulares que tivessem bom rendimento escolar – critério de seleção que foi contestado e descartado por todos os participantes nesta reunião. Na ocasião, definimos também, que seria realizado um trabalho de questionamento dos conhecimentos sobre a cidade, especialmente, daqueles já cristalizados sobre a cidade. Tentaríamos estabelecer relações que problematizassem pela categoria conceitual modernidade capitalista, alguns lugares de memória de Campinas, como a Estação Cultura, a Catedral Metropolitana, o Palácio dos Azulejos e o Largo do Rosário – considerando-se o entorno de cada um destes lugares, e uma antiga fazenda de café. Para uma próxima reunião, definimos que apresentaríamos experiências de estudo do meio e definiríamos objetivos, metodologias e várias linguagens que adotaríamos para o trabalho com a história de Campinas. Houve uma segunda reunião realizada no Museu da Cidade, da qual participaram outros membros da Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo de Campinas, além daqueles que já haviam participado da reunião anterior, professores ensino fundamental da rede municipal, e os membros do Grupo Memória (dentre os quais, alunos da Licenciatura em História da FE/Unicamp). Na ocasião, foi apresentada uma proposta de trabalho, elaborada a partir das discussões anteriores, denominada “Fórum: Memórias, histórias e peripécias educacionais”. Tal proposta, dentre outras informações, trazia dentre seus objetivos a intenção de

construir a participação deste fórum no curso voltado para a Guarda Mirim, oferecendo um módulo intitulado “Memória, história e cidadania”, para duas turmas de crianças e pré-adolescentes, filhos dos guardas municipais, que estão na faixa etária de 8 a 12 anos, estudantes das escolas particulares e públicas da cidade. Para cada turma, estão previstas três pesquisas sobre lugares da memória (estudos do meio), que serão articuladas a três oficinas pedagógicas, a serem colocadas em prática em seis encontros semanais (de quatro horas cada um), em três semanas consecutivas. (GALZERANI, março de 2004).

Ainda, apresentava as etapas de trabalho que desenvolveríamos naquela reunião:

Relato de experiências: a atual organização do sistema de sinalização urbana pela Secretaria de Turismo, a construção do curso 'Marcos Históricos' na Guarda Municipal/Campinas, (ano de 2003 e início de 2004) pelo Grupo Memória (FE/Unicamp); outras experiências educacionais, relativas ao estudo do meio, por exemplo. Definição dos lugares da pesquisa atual, dos objetivos deste trabalho, da metodologia a ser colocada em ação: constituição de pequenos grupos de trabalho. Planejamento de atividades (fundadas em significados explícitos) a serem implementadas nas oficinas de produção de conhecimentos histórico-escolares. Rastreamento de profissionais das artes que desenvolvem trabalhos na cidade, com os quais poderíamos "inventar" propostas de organização das oficinas (GALZERANI, Idem).

Desta reunião saímos com uma primeira organização. Dividimo-nos em grupos, conforme as afinidades com as três temáticas: a fazenda, o centro de Campinas e um bairro da cidade. Cada grupo deveria buscar as possibilidades de viabilizar as atividades propostas, tais como horários de funcionamento e visitas ao Parque Ecológico (a sede da antiga fazenda acha-se localizada dentro dele), definir roteiro dos locais do centro que seriam visitados, identificação do bairro que seria trabalhado e, ainda, como cada grupo abordaria sua respectiva temática.

A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA DO SEGUNDO MÓDULO

O projeto apresentado à Secretaria de Segurança Pública em 2003 trazia, em uma de suas ementas, que as atividades que desenvolveríamos no transcorrer do Projeto, partiriam de uma dada concepção de cidadania:

[...] como dimensão ativa e como prática capaz de colocar em ação o enraizamento cultural, a afirmação da identidade singular e, ao mesmo tempo plural, coletiva dos sujeitos envolvidos. Ou seja, o que se quer é que as crianças e os pré-adolescentes, na relação com os professores, construam práticas mais plenas de sentido – para si e para os outros – relativos à experiência de serem moradores da cidade de Campinas na contemporaneidade e, para tal, possam ultrapassar a diluição da dimensão de tempo, de espaço e o esfacelamento das relações sociais, que, muitas vezes, hoje prepondera. Para tal, o eixo virtual desta iniciativa é a possibilidade do trabalho em torno da memória (na relação com a história de Campinas), numa sociedade que vivencia a sua crise, que prioriza informações destituídas de sentidos para a grande maioria das pessoas, onde prevalecem as vivências automatizadas e não experiências vividas (plenas de significados para si e para os outros – Walter Benjamin). Portanto, a memória será focalizada como potencialidade de fortalecimento da capacidade de ser sujeito da produção de conhecimentos históricos e geográficos, e da própria história, na relação com outros sujeitos. Memória como afirmação da cidadania (GALZERANI, *Ibid.*).

Após várias reuniões escolhemos um nome para o projeto a ser desenvolvido com a guarda mirim – “Projeto Memória, história e cidadania”. A Guarda Municipal definiu que trabalharíamos às terças e quintas-feiras, nos dias 25 e 27 de maio, e 1, 3, 8 e 15 de junho de 2004. Como metodologia de trabalho apontamos que trabalharíamos com estudos do meio e oficinas de produção de conhecimentos; assim definimos que:

Quanto aos estudos do meio, a serem focalizados como lugares de memória: estão previstos estudos das antigas clareiras da cidade (tais como Praça XV de Novembro), da Fazenda Mato Dentro (originalmente importante fazenda produtora, inicialmente, de açúcar e, posteriormente, de café no século XIX, atual Parque Ecológico Emílio José Salim), dos arcabouços arquitetônicos “modernos” centrais, relativos ao final do século XIX, e do século XX, incluindo traçados urbanos que rememoram outras épocas, situadas nos primórdios da história oficial da cidade, ainda no século XVIII (GALZERANI, *Ibid.*).

Planejamos que o estudo dos patrimônios históricos centrais seria colocado em ação na relação com o estudo de um bairro periférico da cidade, o qual seria definido no contato com os alunos do curso. Quanto às oficinas de produção de conhecimento histórico-educacionais, deveriam:

[...] propiciar a sistematização (singular e não estereotipada) da pesquisa realizada nos estudos do meio, relativa à história de Campinas, na relação com outras memórias e histórias. Para tal, os alunos, através da mediação do professor, serão orientados a produzirem conhecimentos, ressignificando memórias, trabalhando com as noções de tempo histórico e espaço geográfico, sempre de maneira dialogal. Ao mesmo tempo, os alunos serão estimulados a expressarem suas visões também através de linguagens mais prazerosas e lúdicas, artísticas, tais como musical, a teatral, a confecção de brinquedos. Neste sentido, em nível de assessoria a este projeto, poderemos contar com o diálogo com profissionais da cidade voltados para estas artes. O trabalho com tais linguagens “alternativas” preparará os alunos participantes a atuarem como agentes multiplicadores no espaço de sua escola (GALZERANI, *Ibid.*).

Em reunião posterior, definimos os módulos e as metodologias de trabalho para cada uma das etapas a serem desenvolvidas, priorizando sempre a focalização das relações do presente com o passado. No primeiro movimento, trabalharíamos com a Fazenda Mato Dentro – Parque Ecológico -, procurando explorar as relações atuais de ocupação daquele espaço, relacionando-o com formas de ocupação em outros tempos. Para o desenvolvimento das atividades foi elaborado um roteiro de observação (2004), no qual as crianças deveriam se pautar, quando da realização da visita:

O Parque Ecológico já foi uma grande fazenda de café. Nessa atividade vocês deverão estar reunidos em grupos para fazer uma caminhada. Nesta caminhada estaremos fazendo uma investigação sobre este lugar. Precisamos que vocês fiquem atentos em relação aos seguintes pontos:

Ao caminhar pelo Parque Ecológico, perceba quais são as construções e objetos que são do passado.

Pense por que você pode concluir que são do passado? Quais são as marcas existentes nelas para você chegar a esta conclusão?

Tente compará-las com as coisas novas que vemos hoje. Em que são diferentes?

Tente perceber detalhes das construções: como a casa foi construída, como são janelas e portas, como é dividida a casa. Observe também a tulha. Em que ela é diferente da casa?

Tente descobrir informações sobre quem morou nesta casa no passado. Onde foi possível obter estas informações?

Tente descobrir como era morar nesta casa. Em que era diferente em relação a sua vida ou à sua casa?

Você acha que estas construções e objetos estão bem cuidados? Você acha que vale a pena cuidar bem destas coisas que são do passado?

O que seria necessário fazer para melhorar este lugar?

(PAIM. Relatório apresentado à Coordenação em 2004)

Após a visita à Fazenda do Mato Dentro, seria realizada com eles a discussão das atividades lá historicamente desenvolvidas, procurando relacioná-las com as experiências das crianças em Campinas em outros tempos e espaços, como, o da fazenda. Os participantes, após esta discussão, seriam convidados a desenhar as atividades realizadas. Na segunda etapa, trabalharíamos o centro de Campinas, enfocando alguns lugares de memória, como a Estação Ferroviária (hoje Estação Cultura), a Rua Treze de Maio, a Catedral Metropolitana, o Palácio dos Azulejos, o Centro Cultural Evolução, o Largo do Rosário dentre outros. Decidimos seguir praticamente o mesmo roteiro que é desenvolvido pelo Museu da Cidade, denominado Caminhada Histórica. Como atividade de produção de conhecimentos na oficina pedagógica, os participantes deveriam produzir cartões postais que registrassem os aspectos do centro de Campinas que lhes tivessem chamado mais atenção. Os cartões deveriam ter um suposto destinatário. No terceiro movimento, definimos que trabalharíamos com o Bairro Taquaral e seu entorno, porque neste se localizava uma das bases da Guarda Municipal, onde aconteceriam as aulas e oficinas. Avaliamos que ficaria difícil explorarmos um bairro onde moram as crianças, como havíamos pensado anteriormente. Seria realizado um levantamento inicial com as crianças onde elas deveriam explicitar: o que é um bairro, o que sabem deste bairro, Taquaral? O que era anteriormente este espaço? E, demais informações que tivessem sobre o tema proposto. Após esta discussão inicial, seria realizado o estudo do meio no bairro. Orientaríamos as crianças para adentrarem e produzirem conhecimentos no Museu do Café - localizado neste mesmo bairro-, onde, estavam acontecendo duas exposições. Uma era permanente o: Mundos do Trabalho em Campinas e, outra temporária, Águas que Movem a História. Como atividade pedagógica, pensamos na produção de maquetes, através da quais os grupos de alunos participantes expressariam ideias e percepções, na relação com o que haviam sido experienciados nas três etapas deste segundo módulo. As chamadas oficinas pedagógicas foram desenvolvidas por membros do grupo docente, diferentes daqueles que desenvolveram os estudos do meio. Estávamos todos com pequenas brechas em nossos horários; assim cada dupla entrou em contato com as crianças no máximo duas vezes. Contudo, ao longo de todo o trajeto nos reuníamos uma vez por semana, de modo a assegurar a tessitura partilhada de experiências educacionais, as quais foram amplamente elaboradas e discutidas por todos os participantes.

PRIMEIRA ETAPA

Neste primeiro momento, explicamos aos participantes como seriam desenvolvidas as atividades, apresentando uma breve noção de sua totalidade. Após estes encaminhamentos gerais, as crianças foram levadas ao Parque Ecológico, onde desenvolveram as atividades propostas no roteiro de observação. Na turma da manhã aconteceram alguns problemas de encaminhamento; os responsáveis na Guarda Municipal não haviam reservado condução para o transporte das crianças até o Parque Ecológico, dificultando, assim, uma visita mais detalhada devido ao tempo que se tornou escasso para toda a visita. Participaram 12 crianças nesta turma, com idades entre 9 e 13 anos. Foi determinado que cada grupo deveria escolher um relator que anotasse o que estavam observando com base no roteiro. Depois de realizada a visita, aconteceu a discussão do roteiro com os grupos. Houve grande participação e interesse, especialmente pelo porão da casa da fazenda. As discussões giraram em torno de como teriam vivido os habitantes daquela casa, os senhores e os escravos e as relações estabelecidas entre esses diferentes sujeitos. Na turma da tarde, houve a participação de um número menor de crianças, as quais estavam bastante agitadas, dificultando o desenvolvimento do trabalho; não se envolveram conforme o esperado, também chamou-lhes atenção o porão da casa.

Quanto à realização das atividades, tivemos algumas dificuldades na condução e desenvolvimento do proposto devido à heterogeneidade de idades e ao curto tempo de duração proposto para as mesmas. Nelas tivemos apenas a sensibilização para determinados aspectos históricos da vida na fazenda em outros tempos. Naquele momento, as atividades foram realizadas dentro de uma sala de aula. O trabalho foi iniciado com a seguinte pergunta para os participantes: o que consideraram significativo nas atividades do dia anterior? Responderam que o que havia chamado a atenção era o porão. Tal resposta motivou o desenvolvimento educacional de mais um pequeno, mas significativo, trabalho de análise histórica das relações sociais prevalentes nas fazendas de café de Campinas e região, nos idos da escravidão em nosso país. Depois foram utilizadas transparências de imagens sobre outras fazendas e espaços de produção, em busca de comparações, historicamente situadas, com a fazenda visitada. Nesta atividade, o que mais chamou a atenção dos participantes foi a presença e as características da natureza e da mata, representadas nas fotografias. Como atividade final, os participantes produziram desenhos sobre o que haviam visto na fazenda e na relação com as fotografias trabalhadas. Neste módulo, o caminho que havíamos pensado para iniciar o trabalho através da infância em outros tempos deixou a desejar: talvez as relações historicamente apresentadas não produziram efeitos na

percepção das crianças, por se situarem num plano da abstração distante das experiências destas crianças. Além disso, a turma da tarde não se estimulou com a proposta da realização dos desenhos sobre a temática trabalhada.

SEGUNDA ETAPA

Neste módulo, conforme planejamos, focalizamos o centro de Campinas. O itinerário percorrido pelos participantes teve como ponto de partida a base central da Guarda Municipal, situada no bairro Taquaral, seguindo, com um ônibus fretado para tal pela Secretaria de Segurança Pública, em direção à Torre do Castelo, bairro Castelo. Neste bairro, embora não tenhamos optado por realizarmos uma parada, chamou muita a atenção das crianças a antiga caixa d'água que lá existente, a qual no passado atuou como ponto de distribuição de água da cidade. Na atualidade, esta caixa d'água é um ponto de visitação, de onde é possível visualizar vários pontos da cidade, já que se acha localizada na parte mais alta do bairro. Após tal passagem, as crianças foram conduzidas para a Estação da Fepasa – Estação Cultura, e, depois, percorremos a pé a Rua 13 de Maio, com paradas na Catedral Metropolitana e no Centro Cultural Evolução (antigo solar da família Penteado). As crianças envolveram-se bastante, participando muito das versões construídas sobre a história de cada local visitado. Nas oficinas de produção de conhecimentos deste módulo, foram realizadas atividades que possibilitaram às crianças a expressão e ressignificação do que haviam observado e construído no itinerário desenvolvido.

Na turma da manhã, organizou-se a produção de um texto coletivo narrando o estudo realizado no centro da cidade. No segundo momento foram confeccionados cartões postais dos locais que haviam estudado. Para a elaboração de tais cartões foram apresentados às crianças os cartões postais de outras localidades e explicado significados, historicamente construídos, sobre tais produções, explicitando depois quais as informações que são esperadas hoje serem encontradas nestas mesmas produções; em seguida, foram convidadas a elaborarem os seus próprios cartões postais, como marcas e registros dos estudos realizados nesta cidade. Na turma da tarde, foi realizada apenas a atividade de produção dos cartões postais. Estas atividades expressaram até que ponto às crianças conseguiram dialogar com o trabalho realizado. Percebemos que as crianças estão presentes no trabalho. Houve um encontro de visões de mundo e de sensibilidades, ao conseguirem expressar o que teria sido Campinas em outros tempos e o que é hoje na percepção delas. Evidenciam-se nos cartões, bem como no texto coletivo produzido pelas crianças, que conseguiram trazer à tona noções

de tempo, de espaço, de relações sociais, amalgamando as experiências vividas neste projeto às suas próprias sensibilidades.

TERCEIRA ETAPA

Inicialmente realizamos alguns questionamentos para as crianças: o que é bairro? Como definimos um bairro? Quem delimita onde começa e termina um bairro? Foram produzidas diferentes respostas que, em síntese, expressavam as noções que eles possuíam sobre a temática proposta. Foi uma atividade rápida e introdutória. Logo a seguir, fizemos uma caminhada em direção ao Museu do Café para visitaçãõ; no trajeto fomos chamando a atenção para alguns aspectos do bairro Taquaral e do Parque Taquaral, por onde passamos. No Museu do Café, localizado em uma antiga fazenda de café restaurada, o envolvimento e participação das crianças foi grande. Como crianças que são expressaram seu lado mais curioso, questionando, tentando explicar tudo o que viam. Inicialmente, visitamos a exposição *Águas que Movem a História*, a qual por meio de fotos, maquetes e objetos mostrava o abastecimento de água em Campinas em diferentes épocas. No segundo momento, entramos no museu propriamente dito, onde estava a exposição *Mundos do Trabalho em Campinas*, a qual apresentava ao público vários aspectos da vida cotidiana e atividades de trabalhadores escravos e livres (imigrantes), no final do século XIX e início do século XX. O museu ainda expunha diversos objetos da antiga casa de fazenda e alguns objetos das primeiras indústrias de Campinas. Através da visita às exposições, as crianças puderam ter uma maior proximidade com muitas das questões trabalhadas nos dois módulos anteriores, ou seja, o mundo rural e urbano e suas relações com Campinas nos diferentes tempos e espaços.

Havíamos combinado que as oficinas pedagógicas deste terceiro módulo promoveriam a síntese do que tivesse sido trabalhado nas atividades anteriores. Sendo assim, a turma da tarde produziu painéis, nos quais as crianças em grupos procuraram expressar como percebiam Campinas, após a participação nas atividades. Na turma da manhã, realizamos uma produção de conhecimentos pautada na seguinte questão: o que é essa Campinas na qual vivemos? Inicialmente, distribuimos no chão, no final da sala, na base da Guarda Municipal no Parque Taquaral, diferentes fotografias e *charges*, recortadas das revistas *Época*, *Isto é* e do jornal *Folha de São Paulo*. Estes recortes estavam todos, propositalmente, sem legendas para que não direcionassem, demasiadamente, a produção da segunda parte da atividade. Foi explicado que estes recortes de jornal e revistas tinham uma autoria, eram datados e constituíam-se em representações da realidade, portanto, não eram a realidade. Após a distribuição dos

recortes, cada aluno foi até o final da sala escolheu um recorte que para ele lembrasse algum aspecto de Campinas, nos diferentes tempos e nos diferentes espaços analisados- na antiga Fazenda Mata Dentro, no centro da cidade e no Museu do Café. Cada criança escolheu um recorte, depois foram convidadas a irem à frente da sala mostrar o recorte e explicar a razão de sua escolha. Para focalizar, especificamente, um dos fragmentos documentais deste significativo trajeto educacional, recortamos algumas falas das crianças que participaram deste momento:

Felipe: Aqui tem crianças trabalhando em máquinas pesadas, e hoje não é assim.

Anderson: Campinas tinha muita plantação de café!

Gabriela: Escolhi essa foto porque antigamente tinha mais mata preservada.

Maurício: Aqui tem uma fazenda com algumas plantações, Campinas tinha muita fazenda desse tipo.

Awdrey: Campinas tinha muita mata e casarões, hoje as matas foram destruídas.

Daniela: Nessa foto tem muitos casarões e a mata está preservada, hoje o homem destruiu tudo.

Angélica: Antigamente tinha carro de boi para fazer o transporte.

Joyce: Campinas possuía mais florestas preservadas.

Lucas: Essa foto mostra mais casas, e hoje tem muitos prédios em Campinas.

Felipe: Antigamente tinha poucas fábricas e hoje não é assim.

Diego: Essa Igreja está preservada até hoje, é antiga e foi feita pelos escravos.

Guilherme: Antes tinha muita carroça e cavalo na cidade de Campinas.

Rafael: O trem era movido à lenha, hoje é a vapor. Era muito usado como transporte.

(PAIM. Relatório apresentado à Coordenação em 2004).

É interessante destacar como cada criança olhou para o recorte de maneira completamente diversa daquela pensada por nós, quando fizemos a seleção do material que apresentaríamos para elas. Iniciamos um diálogo ressaltando aspectos da construção das cidades, e que a cidade de Campinas é composta por várias cidades diferentes que estão juntas num mesmo espaço urbano. Um aspecto importante desse diálogo foram as sensibilidades dessas crianças, ao se reportarem à importância da preservação da natureza. No segundo momento da atividade, os alunos deveriam seguir o mesmo movimento de escolha de uma imagem e posterior explicação da mesma; porém agora deveriam escolher uma foto que lembrasse a Campinas atual. Abaixo seguem aspectos do diálogo estabelecido a partir dos novos recortes:

Rafael: Hoje tem muita tecnologia.

Angélica: Antigamente as notícias eram ouvidas pelo rádio, hoje tem muita tecnologia e aparelhos para assistir as notícias.

Felipe: Hoje tem restaurantes maiores e melhores que antigamente.

Diego: Hoje temos apartamentos e lojas na cidade, pra mim melhorou!

Guilherme: Nessa foto tem apartamentos, casas e ruas asfaltadas.

Gabriela: Hoje tem muito desmatamento.⁵

Maurício: Hoje nós temos mais aparelhos, muita modernidade.⁶

Joyce: Hoje tem mais aparelhos modernos.⁷

Awdrey: Na minha foto tem pessoas pegando comida no lixo, hoje existe muita pobreza em Campinas.

Bruno: O jornal antigamente era feito na mão, hoje tem máquinas.

Anderson: Campinas tinha muita fábrica de papel, hoje o homem foi substituído pela máquina.

Felipe: Hoje tem favelas.

Felipe: Essa foto é uma cidade com casas e prédios modernos.

Daniela: Hoje na cidade de Campinas tem muitos prédios e muito comércio.

(PAIM. Relatório apresentado à Coordenação em 2004).

No terceiro momento desta atividade, em grupos, as crianças elaboraram painéis juntando os recortes e as percepções individuais. Os painéis, através de comparações, expressaram percepções coletivas da Campinas de outros tempos e da Campinas atual. Os painéis foram produzidos com os recortes, os desenhos e as frases elaboradas pelas crianças; estes traduziam como elas entendiam Campinas, a partir do curso. Após a elaboração dos painéis, organizamos uma exposição na sala de aula por onde todos circulavam, comentando o que estava sendo expresso em cada painel. Alguns concordavam, outros não, sugerindo como poderiam ter feito o que poderiam

⁵ Questionamos a Gabriela se antigamente não havia desmatamento também. Ela ficou em dúvida e não conseguiu ir além da sua explicação anterior.

⁶ O menino Diego falou que apesar de toda essa tecnologia hoje existia muito desemprego, que essa alta tecnologia o gerava. Conversamos rapidamente sobre o problema de muita tecnologia nas cidades.

⁷ Quando percebemos que as crianças estavam repetindo as falas dos colegas perguntamos por que a tecnologia estava relacionada à cidade de Campinas? Muitos falaram porque era uma cidade grande. Explicamos então que, Campinas é um dos maiores centros de tecnologia de ponta de toda a América Latina.

ter usado a mais. Como tivemos algum tempo, ao finalizar as atividades, trabalhamos, ainda, com transparências de fotos de diferentes locais da cidade de Campinas, em diferentes momentos históricos. Houve grande participação e questionamento por parte das crianças. Evidenciaram-se diferentes percepções sobre o que é ou foi a cidade de Campinas. Alguns sugeriram que deveríamos fazer trabalho semelhante nas escolas, pois foi importante para eles produzirem conhecimentos históricos sobre a cidade onde vivem.

AVALIAÇÃO

Após as atividades com as crianças, o grupo reuniu-se para fazer uma avaliação do trabalho realizado com as crianças da Guarda Mirim. Diferentes avaliações emergiram na avaliação, dentre as quais destacamos:

Percebemos as crianças, como sujeitos do processo, como produtores de conhecimentos;

Poderíamos ter aproveitado mais as possibilidades de pesquisa com e do grupo, se tivéssemos registrado mais o que foi sendo desenvolvido através de fotografias, anotações e registros. Enfim, termos desenvolvido mais em uma perspectiva de pesquisa-ação, pois mesmo sem um planejamento para tal acabamos todos, desenvolvendo atividades de pesquisa;

Essa forma de trabalho – curso de extensão – impõe limitações ao trabalho, não possibilita a continuidade, em uma atividade por um tempo determinado;

(PAIM. Relatório apresentado à Coordenação em 2004).

Mesmo com suas limitações, estas atividades tiveram uma dimensão muito importante para a ampliação de nossa experiência profissional, sobretudo como docentes e pesquisadores, na relação com a nossa personalidade mais inteira. Em tais atividades, nossas curiosidades, sensibilidades e memórias afloraram, posto que muitas de nossas vivências em Campinas tornaram-se experiências vividas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste projeto entretecemos redes de saberes sobre a cidade no diálogo com os guardas municipais, com as crianças e os demais participantes do Projeto Marcos Históricos e Geográficos de Campinas. Acreditamos que, a partir da produção de conhecimentos históricos educacionais sobre a cidade, vínculos identitários e de enraizamento foram fortalecidos, propiciando caminhos mais participativos e significativos para todos os integrantes desta experiência.

REFERÊNCIAS

- ARENDR, H. **A vida do espírito**: v. 2: querer. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 2. ed., São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. **Paris do segundo Império** - A boêmia; Flâuner; A modernidade, 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. **Rua de mão única** São Paulo:Brasiliense, 1987.
- _____. _____. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BERMANN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 1993.
- GAGNEBIN, J. M. Prefácio: Walter Benjamim ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.7-19.
- GALZERANI, Maria Carolina Bovério. A cidade como espaço de aprendizagem da História: em foco um projeto de educação patrimonial. In: SANTOS, Lucíola Lacínio de Castro Paixão, *et al* (Orgs.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**: currículo; Ensino de Educação Física; Ensino de Geografia; Ensino de História; Escola, família e comunidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 600-620.
- _____. **Memória, história e cidadania**: peripécias educacionais com jovens da cidade de Campinas. Documentos apresentados aos docentes, participantes do projeto, em reuniões ocorridas no Museu da Cidade, em março de 2004. [Campinas]: 2004.
- _____. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patricia Dias. (orgs.). **Por uma cultura da infância**: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, 2002.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

HOBBSAWM, Eric J; RANGER Terence (orgs.). **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KOSSOY, Boris. Realidade e ficções na trama fotográfica. Cotia: Ateliê, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: UNICAMP, 1990.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A cidade como bem cultural. In: **Patrimônio: atualizando o debate.** São Paulo: IPHAN, 2006.

NAXARA, Márcia. Natureza e civilização: sensibilidades românticas em representações do Brasil no século XIX. In: BRESCCIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível.** Campinas: UNICAMP, 2001. p.431-455.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História,** [São Paulo], n.10, p. 07-28, dez.1993.

PAIM, Elison Antonio. Relatório de atividades apresentado a coordenação do Projeto Marcos Históricos e Geográficos de Campinas. Campinas: Unicamp, 2004.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais, in Bresciani, Maria Stella Martins; Naxara, Márcia (orgs.). **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível.** Campinas: Unicamp, 2001. p.37-53.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WEIL, Simone. **A condição operária.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.